

## CORPO, GÊNERO E RAÇA NO BALLET CLÁSSICO

**Eixo Temático: ET 30 - Práticas Corporais: Diálogos com Gênero, Corpo e Sexualidade**

Deise da Silva Martins <sup>1</sup>  
Helena Altmann <sup>2</sup>

### RESUMO

Partindo das histórias das bailarinas Mercedes Baptista e Bethânia Gomes, este artigo tem como principal objetivo refletir como o corpo, a raça e o gênero perpassam a dança clássica profissional. Falaremos sobre padrões físicos impostos para mulheres que praticam a dança clássica. Será analisado como os corpos das mulheres europeias são referenciados nesta dança, distanciando mulheres negras, e como interferem nas relações dentro do Ballet. Dialogamos com feministas negras que falam sobre a forma que mulheres negras ainda são estereotipadas. Analisaremos de que maneira o racismo perpassa essa formação artística. Historicamente o racismo é o principal causador de injustiças sociais com pessoas negras, ponderaremos como interfere na exclusão da mulher negra no Ballet Clássico profissional.

**Palavras-chave:** Ballet Clássico; Mulher negra; Racismo.

---

<sup>1</sup> Mestranda da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, d235744@dac.unicamp.br;

<sup>2</sup> Professora Orientadora, Doutora em Educação, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, altmann@unicamp.br.

Mercedes Baptista foi a primeira bailarina negra a fazer parte do Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Mudou-se para o Rio ainda criança, o que fez com que despertasse o seu interesse de ser uma artista famosa através da dança (MELGAÇO, 2007). Por volta de 1945, inicia sua formação em dança, em locais que lhe ofereciam aulas gratuitas, primeiro no Serviço Nacional de Teatro do Rio de Janeiro, no qual havia Curso de Danças (onde teve o primeiro episódio de racismo na formação), depois na Escola de Dança do Theatro Municipal do Rio de Janeiro a convite do professor Yuco Lindberg, que recebeu Mercedes incentivando-a. Em 1948, durante período de audição para fazer parte do Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, não foi informada da última etapa, porém conseguindo reverter a situação e tendo aprovação. Durante sua estadia na companhia, entrou no palco usando sapatilhas de pontas apenas uma vez e no fundo do palco. Mercedes acabou cumprindo sua carga horária apenas com aulas, sempre mantida distante das apresentações. Nesse mesmo ano, participou de um concurso de beleza no Teatro Experimental do Negro-T.E.N, levando o título de Rainha das Mulatas, iniciando uma aproximação com o movimento negro do Rio de Janeiro e com danças de matrizes africanas.

A outra bailarina que aqui trago como referência deste estudo é Bethânia Gomes, nascida no Rio de Janeiro, iniciou as aulas de dança aos nove anos de idade por indicação médica. Seu maior interesse era em fazer aulas de *jazz*<sup>3</sup>, porém, familiares decidiram que seria melhor iniciar no Ballet Clássico. Na primeira aula de Ballet, Bethânia percebe, entre colegas de sala e referências apresentada por sua professora, que no Ballet não havia nenhuma bailarina “pretinha”, levando-a pensar em desistir (NASCIMENTO, 2021, n.p.). Sua mãe, Beatriz Nascimento, historiadora, atuante nos movimentos sociais negros, e já informada sobre outras companhias de dança, apresentou o Dance Theatre of Harlem-DTH<sup>4</sup>, e incentivou sua filha a continuar. Aos 13 anos, Bethânia passou a frequentar a escola de dança do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, onde sofreu agressões desde a sua entrada, decidindo sair após um ano (PINTO, 2021, n.p.). Antes da sua saída, o DTH vem ao Brasil, juntamente com seu diretor e

---

<sup>3</sup> Dança de origem afro-americana do final do século XIX, criada a partir do improvisado em navios negreiros como forma de manutenção da saúde. Dentre imitações das danças europeias e improvisações com movimentações originariamente africanas, se constitui a movimentação da dança chamada de jazz.

<sup>4</sup> Companhia de Dança com sede em Nova York formada por bailarinas e bailarinos negras e negros.

fundador Arthur Michel, Bethânia se apresentou chamando atenção e recebendo um convite para fazer aula em Nova York quando completasse 18 anos, assim embarcou para os Estados Unidos conquistando uma bolsa de estudos e depois de um ano passou a fazer parte da companhia. Bethânia foi a primeira brasileira negra a ocupar o maior cargo dentro de uma companhia internacional de ballet. Atualmente Bethânia Nascimento cumpre a função de professora da companhia, além de ser coreógrafa e *coach*.

Tanto Mercedes quanto Bethânia tiveram experiências dentro do Ballet que poderiam ser configuradas como racismo. Porém, como a própria Mercedes fala, em relato exposto no livro escrito por Paulo Melgaço (2007), sempre houve muita dificuldade, mas ninguém assumiria ou explicitaria que todas essas dificuldades por ela vivida, seriam por não ser branca. Bethânia, por já ter um conhecimento prévio sobre educação racial, quando identificava o racismo não queria mais estar no ambiente que a desrespeitava, buscando ou sendo direcionada a locais que a respeitassem.

De origem italiana, e tendo maior repercussão na França e Rússia, o Ballet sofreu transformações no período romântico, onde as mulheres passaram a ter maior destaque nos palcos, transformando sofrimentos amorosos em teatro e estereotipando o perfil da mulher romântica e frágil, associado à aparência física, sofrida e que precisa de proteção. “E essa mulher ideal para os românticos – dândis e boêmios - poderia ser descrita como: pálida, frágil, doente, anêmica, as que morriam jovens” (MOURA, 2001, p. 103).

Carmen Lúcia Soares (2021), fala da educação dos corpos, decorrente não apenas de uma educação escolar, mas também uma educação através de outros sujeitos e instituições.

Em História da beleza no Brasil, Denise Bernuzzi de Sant’anna (2014) fala da influência da França e de outros países europeus no Brasil desde antes da Proclamação da República no que diz respeito a uma beleza padrão. Porém, apenas as classes com mais recursos financeiros poderiam adquirir tais produtos e costumes. As campanhas de clareamento de pele da população negra eram bem fortes, a pele clara era associada à beleza e à limpeza, enquanto a pele negra associada ao feio e sujo.

[...] mesmo com a voga do bronzamento à beira-mar, a pele branca imperava na propaganda de diversos produtos de beleza. Havia conselhos que sugeriam a proximidade entre sujeira, doença

e pele escura. Pior ainda, havia quem empregasse a expressão “pele encardida”. Uma parte da propaganda reforçava o preconceito de que a mestiçagem era a causa de um trio supostamente inseparável: atraso cultural, indolência e sujeira. (SANT’ANNA, 2001, p. 75-76).

Em dada proporção, atualmente, a mulher negra não é vista como uma mulher. Na Convenção pelos Direitos das Mulheres em Akron, Ohio, 1851, a abolicionista e feminista negra Sojourner Truth, discursou sobre a invisibilidade da mulher negra. Numa das partes do seu discurso, Truth trouxe exemplos de situações vividas por mulheres

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? (TRUTH, 1851, n. p.).

Sueli Carneiro (2011) também traz para discussão a invisibilidade da mulher negra dentro do feminismo. Falamos a pouco sobre cuidados com os corpos para manter a saúde e beleza, mas Carneiro chama atenção que “Fazemos parte de um contingente de mulheres ignoradas pelo sistema de saúde na sua especialidade [...]” (CARNEIRO, 2011, n. p.).

A partir da narração de um episódio de um programa de culinária na TV, reforçando o papel de doméstica da mulher negra, Luiza Bairros (1995) faz uma análise do feminismo, chamando a atenção para sua incompletude, quando não abarca todas as mulheres e deixando de lado as necessidades da mulher negra.

Pretendemos compreender como questões de gênero, raça e classe social perpassam a presença de mulheres negras no ballet clássico, sendo de fundamental importância trazer para discussão cada especificidade que incrementa para o fenômeno de exclusão dessas mulheres no processo de profissionalização do Ballet Clássico.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada será alcançada pela pesquisa bibliográfica, regulada na coleta de dados que já existem através de artigos, livros, reportagens e dissertações. A

seleção dos materiais utilizados e revisão bibliográfica para constituir o estudo, foi feita com objetivo de contemplar a discussão sobre raça, gênero, classe social, arte e cultura, compreendendo que tais temas estão vinculados a pesquisa, pois, falamos de um público específico e envolvido no Ballet Clássico.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Feministas dentro do movimento negro falam da forma que a mulher negra foi posta na sociedade, de que maneira é permitido conviver com os demais. Essa mesma mulher que não é vista como tal, acaba tendo seu acesso dificultado ou até mesmo impossibilitado por pessoas que as analisam como incapazes de exercer funções que, conservadoramente, são vistas como pertencentes à população branca e elitista. As aparições de Mercedes, quando assim aconteciam, eram acompanhadas de adereços cobrindo seu corpo e seu rosto, dificilmente sua imagem era associada a uma bailarina clássica. Foi quando começou trabalhar fora da companhia, montando seu Balé Folclórico, que tinha como destaque as danças dos orixás. Também passou a fazer parte das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, tornando-se mais conhecida no mundo da dança.

No mercado de trabalho, a dinâmica do sistema econômico se caracteriza através de hierarquias de classes, estes espaços são formados por estruturas que definem quais pessoas vão ocupar determinados lugares.

O critério racial constitui-se num desses mecanismos de seleção, fazendo com que as pessoas negras sejam relegadas aos lugares mais baixos da hierarquia, através da discriminação. O efeito continuado da discriminação feita pelo branco tem também como consequência a internalização pelo grupo negro dos lugares inferiores que lhes são atribuídos. (NASCIMENTO, 1976, n. p.).

Ser mulher negra acaba direcionando-a a vagas de emprego que lhes foram atribuídas desde o período colonial de origem e estrutura escravagista, que é o papel de servente, mantido pelo grupo dominante em dependência de seus privilégios.

A inserção do mercado de trabalho se agrava em alguns espaços mais resistentes a mudança, como o caso do Ballet Clássico. Os avanços tecnológicos permitem e exigem que algumas coisas sejam alteradas para manutenção do seu funcionamento. No

Ballet Clássico houve adaptações principalmente nas técnicas desenvolvidas, nas preparações físicas e estereótipo.

As linhas estéticas, biotipo físico do bailarino e o virtuosismo, no entanto foram se modificando ao longo dos anos. A preferências por linhas mais alongadas, pernas mais altas, movimentos mais amplos, e maior virtuosismo em saltos e giros são as características do **ballet clássico** nos dias de hoje. (LIMA, 2018, n. p.).

Porém no Brasil, essas adaptações não abarcam toda população com interesse em participar. Há uma rigorosa exigência nas especificidades da técnica do Ballet Clássico, que são determinadas como modelos universais. Os corpos são controlados de acordo com essas exigências, com o intuito de manter uma aparência uniforme nos profissionais da área, excluindo quem não atende essas especificidades.

O Ballet Clássico é uma dança tida como superior, por quem reproduz e por quem a consome, avaliado como inacessível a uma parcela da população, restringindo para pessoas, comumente brancas e situação financeira confortável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora Bethânia tenha sofrido agressões no Brasil dentro do ambiente do Ballet Clássico, teve a oportunidade de se profissionalizar e atuar como bailarina fora do país. Mercedes foi rejeitada no Brasil, não podendo atuar como bailarina clássica, buscou outro meio para ser aceita e permanecer no campo da dança, o que foi enriquecedor para o movimento negro e resgate da cultura histórica. Porém, as oportunidades e a liberdade de escolha não lhe foram garantidas. A raça, o gênero e a classe social acabaram determinando sua presença ou ausência nos espaços.

No Brasil, o racismo deixou marcas também no ambiente da arte e da dança clássica, desqualificando, discriminando e invisibilizando mulheres negras. A questão da invisibilidade pode ser exemplificada através da própria Mercedes, durante sua trajetória dentro do ballet, sua imagem era constantemente excluída, desde a audição, e após sua contratação as exclusões se mantiveram até o ponto de Mercedes não fazer parte de qualquer apresentação na companhia. Outro exemplo que trazemos é de Consuelo Rios, que anos antes de Mercedes havia tentado fazer parte da companhia, porém não conseguiu se inscrever. Anos depois em entrevista, Consuelo revela que não

participou da audição por ter sido impedida por um funcionário ao dizer que ali não aceitava candidatas que não fossem brancas. Essas experiências não devem ser limitadas apenas a esses dois exemplos, entendendo que o racismo está presente em qualquer ambiente que uma pessoa negra faça parte ou pelo menos tente, além de não ser comum ver mulheres negras em companhias de Ballet no Brasil.

Apesar das transformações sociais que vem acontecendo a partir do século XX na indústria, na educação e na cultura, a redução de desigualdades raciais são ainda um desafio, sendo a dança clássica um dos espaços em que mulheres negras carecem de espaço e oportunidade.

Mesmo com mudanças progressistas a partir movimento negro e em especial ao feminismo negro, que vem ganhando força, há muito caminho a percorrer. O racismo continua presente diariamente na vida da população negra, que é vítima de perseguição nos mais variados espaços. O que foi construído socialmente a partir de uma imagem de um corpo que não era visto como um corpo humano digno de respeito, está internalizado na sociedade de maneira profunda e enraizada, sendo necessário manter a luta ativa e constante contra o racismo.

## REFERÊNCIAS

BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, ano 3, nº 2, 1995, pp.458-463.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero** 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 29/09/2021.

LIMA, Ana Carolina Ferreira. O Ballet Clássico E A Evolução Através Do Tempo. Petite Danse. 01/06/2018. Disponível em: <https://petitedanse.com.br/ballet-classico-evolucao-atraves-do-tempo/#:~:text=As%20linhas%20est%C3%A9ticas%2C%20biotipo%20f%C3%ADsico,cl%C3%A1ssico%20nos%20dias%20de%20hoje>. Acesso em: 24/06/2022.

MELGAÇO, Paulo da Silva Junior. Mercedes Baptista, a criação da identidade negra na dança. Rio de Janeiro: Fundação Palmares, 2007.

MOURA, KCF. **Essas bailarinas fantásticas e seus corpos maravilhosos: existe um corpo ideal para dança?** [dissertação]. Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação; 2001.

NASCIMENTO, Betha. Betha a bailarina pretinha. São Paulo – SP: Jandaíra, 2001.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. 2010. *Publicado originalmente no jornal Última Hora, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1976. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-no-mercado-de-trabalho-por-beatriz-nascimento/?gclid=CjwKCAjwp7eUBhBeEiwAZbHwkTRVGs1E5DjBMHbCn-VxfeT0DB0Px0qIDzhL6MEbnItU6ysP59CzZxoC5JcQAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-no-mercado-de-trabalho-por-beatriz-nascimento/?gclid=CjwKCAjwp7eUBhBeEiwAZbHwkTRVGs1E5DjBMHbCn-VxfeT0DB0Px0qIDzhL6MEbnItU6ysP59CzZxoC5JcQAvD_BwE). Acesso em: 25/05/2022.*

PINTO, Tania Regina. **Bethânia Gomes, bailarina: “expulsa no Brasil, top no exterior.** Primeiros Negros. 04/2021. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/bethania-gomes-bailarina-expulsa-no-brasil-top-no-exterior/>. Acesso em: 17/05/2022.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. História da beleza no Brasil. São Paulo – SP: Contexto, 2014.

SILVA, Orlando. **Racismo: Uma herança que violenta o Brasil.** Geledés. 28/08/2015. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/racismo-uma-heranca-que-violenta-o-brasil/?gclid=Cj0KCQjw-JyUBhCuARIsANUqQ\\_I3QGNCUGTMPIbZNkCFj4n3yqRZOuT5VmLn8kXp68IwNcVbAlFzXWwaAiErEALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/racismo-uma-heranca-que-violenta-o-brasil/?gclid=Cj0KCQjw-JyUBhCuARIsANUqQ_I3QGNCUGTMPIbZNkCFj4n3yqRZOuT5VmLn8kXp68IwNcVbAlFzXWwaAiErEALw_wcB). Acesso em: 21/05/2022.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação do corpo: apontamentos para historicidade de uma noção. Educar em Revista, Curitiba, v. 37, e76507, p. 1-20, 2021.





SOUZA, Roger de. **Jazz – Sua história.** Mundo da Dança. Disponível em: <https://www.mundodadanca.art.br/2010/02/jazz-sua-historia.html?m=1>. Acesso em: 26/06/2022.

TRUTH, Sojourner. Speech Entitled “*Ain’t I a Woman?*”, Delivered at the 1851 Women’s Convention in Akron, Ohio. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/> Acesso em: 06/09/2021.